

REBIHTA Barranquense

O Conjunto Típico Barranquense



Fotografia de 1965

En 1965, um grupo de rapazi, do^h seu^h quinzi, dezassei^h ano, formaram o Conjunto Típico Barranquense. Erão o Nico, o Zeca, que tocabão o^h doi^h bateria; o Eduardo, que tocaba trompeti; o Chamorro, que tocaba saxofoni alto e o Perdigão, que tocaba saxofoni tenô.

Depoi^h taba o Samarro, que nã fazia parti do grupo, ma^h era como si fossi, porqu' o^h acompanhaba en quasi toda^h a^h atuaçõ, tocando o bombo.

A idêa do conjunto surgiu de manera e^hpontânea, no^h ensaio^h da Banda de Música. Quando se juntabão na Sociadadi da Música, que era en Monte^h Claro,

começaram a e^hprimentá a tocá cançõ daquela época, e^hpanhola e portuguesa, que s' obião na altura na rádio. Com o tempo foram apanhando confiança para formá o grupo e começaram a fazê baili na Sociadadi.

Sem sê o Nico, todo^h fazião parti da Banda. Ma^h, como a eli le go^htaba a bateria, o puserom a tocá bateria. Como não era músico, tocaba d' ôbido, com a^h indicaçõ qu' o^h ôtro^h lh' ião dando e acertaba o passo com eli^h. Entraba quando lhe dabão o siná e se paraba quando lhe boltabão a fazê siná. Ma^h s'ajêtaba bem!
(continua na página 2).

Promotor: A Estêva – Associação para o Desenvolvimento do Concelho de Barrancos
Autoria: Carla Pica | Victor Correia



Apoios e colaborações:



EDITORIAL

Passada esta interrupção forçada, a *Rebihta Barranquenha* está de volta!

Esta publicação tem por base os contributos da população, sobretudo da população de maior idade, o que nos tem obrigado a fazer algumas pausas na recolha das suas histórias e estórias, para não pôr em risco a sua vida, neste período de incertezas que ainda estamos a viver.

Por ser um projeto recente, não tem matéria suficiente para poder avançar sem as gravações que suportam os textos. Pedimos desculpa aos nossos leitores por este período de silêncio.

No início do século XX, a popularização das sociedades filarmónicas impulsionou a difusão da cultura musical em todo o território nacional.

O movimento associativo musical, que começou sendo restrito às elites, foi-se alargando a todas as classes sociais, contribuindo para a alteração dos gostos musicais das populações.

As bandas de música passaram a atuar com frequência nos mais diversos eventos, como os concertos nos espaços públicos, levando à criação de novas zonas de lazer e socialização, como os coretos.

Progressivamente, este movimento foi-se estendendo à periferia das cidades e às zonas rurais, dando origem às sociedades musicais e recreativas de bairro e às sociedades filarmónicas, em muitas localidades, de norte a sul do país.

Nos anos 40 e 50, tornaram-se frequentes outros tipos de agrupamentos, como as charangas, as fanfarras e as pequenas orquestras, constituídos na sua maioria por músicos amadores.

Durante os anos de 60 e 70, as bandas de música e estes conjuntos musicais alcançaram um grande protagonismo, quer no meio urbano, quer no meio rural, nas diversas comemorações em espaços públicos e outras festividades, às quais estava associada a diversão, tais como os arraiais populares e os bailes nas festas patronais.

Os bailes também aconteciam em associações recreativas e culturais privadas, dedicados aos sócios e às suas famílias, em teatros e cafés, ou ainda em casas particulares.

Em meados do século XX, Barrancos também usufruía de um ativo movimento filarmónico e um rico coletivo musical.

A Sociedade Filarmónica Fim de Século, com casa própria na principal artéria da vila, dinamizava muitos dos eventos musicais da localidade. No salão da Sociedade realizavam-se grande parte dos bailes tradicionais.

Desta convivência com o meio musical local resultou o Conjunto Típico, que proporcionou durante alguns anos momentos de alegria e divertimento, nas mais variadas festas em Barrancos.



Conjunto Típico Barranquense na Fêra de 1966

O nomi do grupo se lho e^hcolheu o Rafaé, que foi quem pintô o desenho do bombo e quando apareceu com o i^htrumento pintado já trazia o nomi e^hcritô.

O^h i^htrumento^h erão da Sociadadi da Música, que se lho^h alugaba a eli^h quando tocabão com o Conjunto e só saião dali com autorização da Direção, que o^h dêxaba lebá o^h i^htrumento^h para ensaiá em casa, mai^h ó meno uma semana anti do^h baili. Ma^h o^h ensaio de todo^h junto^h erão sempri na Sociadadi.

O^h baili tamém erão fêto^h na Sociadadi da Música. Habia uma comissão de fe^hta^h, que era quem taba encarregui d' organizá a^h fe^hta^h que hõbessi, principalmenti o^h baili. O Conjunto nã tinha autonomia para fazê um baili, tinha que pedí autorização à Direção. E como toda a genti taba desejando que hõbessi uma migalha de barulho, todo^h, incluindo a^h rapariga^h trabalhábão em sintonia para que se fizessi.

A intenção do^h baili era dibertí-si, bê a^h rapariga^h, tá uma migalha com a^h noiba^h e ganhá uma pi^hca de dinhêro para o^h copilho^h. Do que ganhassen, vinti por cento (20%) era para a Sociadadi. Para arranjá alguma recêta, rifabão uma garrafa de binho. Como nã tinhão fundo de caxa, tinhão que arranjá dinhêro, entre todo^h para comprá a garrafa, que cu^htaba, nessa altura, 10 to^htõ. Muita^h bezi a garrafa nã chegaba a saí, se arranjaba manêra de nã pô na^h rifa^h o^h número^h comprado^h!

Quando ganhábão alguma migalha de dinhêro, nã se guardaba. Se quémaba ali naquela noiti, comendo-si um frango, ô uma cabeça de borrego, em casa de Tio Sequera e bebendo-si um copo. Ma^h à^h bezi nã chegaba e tinhão que ficá a debê. Lhe dizião a Tio Zé Morenho: “olhi que isto nã chegô”. E eli re^hpondia: “logo para a próxima pagão o re^hto”.



Fêra de 1966

Ôtra manêra de arranjà dinhêro era leiloando o^h pari, que na verdade não se rifabão, nem leiloabão! Ali nã se vendia nada! O que se fazia era quando e^htaba um par bailando, alguém do Conjunto preguntaba: “quanto bali o par de fulano?” (que era a rapariga). E o^h rapazi dizião: “cinco (to^htôi)”, “sei^h”, “seti”... E o rapá^h que e^htaba bailando com aquela rapariga, como nã se queria ficá mal-bi^hto, lançaba mai^h alto. E si era a noiba, poi^h ainda lançaba mai^h para ficá bem. O rapá não dêxaba de bailá com ela, ó seja, o par nã se trocaba, continuaba bailando na mesma. Ma^h tinha de dá o dinhêro que tinha lançado.

Ao^h músico^h do Conjunto Típico tamém lhe go^htaba í a bailá com a^h rapariga^h. Então, se combinabão e saíão a bailá à bê^h. E a maior parti da^h bezi o grupo se ficaba reduzido a trê^h. Um dizia “agora bô a baliá eu” e ôtro dizia “nã te demori muito qu’ eu tamém quero í”. E ião rodando para que todo^h pudessen dá um pé de dança. O^h baili nã durabão como agora até de manhã. Quando era à uma da noiti, já a^h mãi e a^h tia^h se começabão a querê í e já e^htabão dizendo: “bamo^h filha que já é a última!”.

E o^h rapazi^h que e^htabão bailando, como lhe go^htaba o calôzinho, lhe fazião siná ao Conjunto para nã dêxá de tocá. E o^h músico^h, para qu’ a^h rapariga^h não se fossen, não parabão de tocá. Alargabão a^h música^h e continuabão tocando a bê si a^h mulheri se aguentabão mai^h uma migalha, tamém para que a^h noiba^h nã se fossen.

Depoi^h, quando o baili acababa, fazião serenata^h pela^h rua^h, que erão sempri a^h mesma^h, (era ondi morabão a^h noiba^h do^h músico^h do Conjunto).

A^h serenata^h não se prolongabão mai^h que a^h dua^h, a^h trê^h da manhã. A Guarda não permitia. Ma^h a^h pessoa^h dizião que gostabão d’ ôbi. Entre que não habia mais nada e a manêra de tocá, assim arrojada, no silêncio da noiti, soaba muito bem e era muito bonito.

A^h altura^h en que tocabão mai^h bezi seguida^h era no Carnabá, que chegabão a fazê matiné de tardi e baili à noiti. De re^hto, tocabão na^h fe^hta^h que co^htumaba habê: no Baili da Pinha, no dia 8 de Dezembro, na Páscoa. E nôtro^h sábado^h ó domingo^h qu’ a Sociadadi o^h dexassi.

No^h dia^h mai^h fino^h saíão mai^h compo^hto^h, com casaco e tudo e no^h ôtro^h dia^h usabão uma ropa mai^h normá. Na^h Fêra^h nunca fazião baili. Ma^h, duranti o dia, à^h bezi lhe pedião à Direção para o^h dexassen andá tocando uma migalha pelo pobo. E lá lhe dizião “bá, baião para aí a dá uma volta...”

Para avisá que habia baili punhão um papé na porta da Sociadadi, com o dia. Como o^h baili erão só para o^h sócio^h poi^h se enterabão com facilidade. E quasi todo^h o^h homem erão sócio^h da Sociadadi, para que a^h mulheri^h pudessen í aoh baili e lebá a^h filha^h, a^h sobrinha^h e a^h bizinha^h-noba^h. A^h rapariga^h noba^h não e^htabão autorizada^h a í sozinha^h. Tinhão sempri que í com uma mulhé mai^h belha, que se passabão a noiti toda sem tira-lhi o olho de cima, para bê com quem bailabão e como se comportabão.

O Conjunto Típico era só para “consumo locá”, de casa. Tirando uma bê^h ó dua^h a Santo Alêxo, raramente saía a tocá fora de Barranco^h.

Ião, sim, a tocá no^h casamento^h, que nessa altura se fazião na^h casa^h particulari. O Chamorro incentibaba muito isso. Assim que se enteraba que fulano se ia a casá. co^htumaba í a ofrecé o^h pré^htimo^h do Conjunto ao^h padrinho^h do^h noibo^h. Tudo serbia para bê a^h rapariga^h e podê está com a^h noiba^h.

No dia do casamento, apanhabão “o^h tra^hti e lá ião a tocá a casa da^h pessoa^h, com dirêto a uma garrafinha de bebida. Não pedião mai^h qu’ isso.

Quando s’ acababa, binhão tocando até à Sociadadi. Muita^h bezi se encontrabão a Guarda que o^h mandaba a calá, porque não era altura de fe^hta^h, nem de fazê barulho fora d’ hora. O^h casamento^h erão fe^hta^h pribada^h. Só nessa^h altura^h é qu’ erão permitida^h essa^h brincadêra^h e não mai^h que até a^h dua^h trê^h da manhã. A Guarda só não o^h multaba porque sabia que não tinhão dinhêro e que o que fazião não era com maldadi.



Fêra de 1966 – Rua 25 de Abril

O Conjunto Típico se manteve até 1970, altura em que o grupo de rapaziado começou a ir para a tropa. E não foi quem continuasse com o divertimento.

Hoje ficamos a recordar o tempo e de alguma maneira a situação que aconteceu de quando, que nunca foram feitos com maldade, porque o que procuravam era divertir-se e o conseguiram com tão pouco e com coisas simples, como uma noite de baile e de convívio e um copo de vinho no fim.



Fêra de 1966 – Início da Rua 25 de Abril

Guia de grafia:

Tempos verbais:

Substituição das terminações dos tempos de passado (pretérito perfeito) em -am por **-om** (exemplo: formar**om**, começar**om**, for**om**);

Substituição das terminações dos tempos de passado (pretérito imperfeito) em -am, por **-ião, -bão** (exemplo: **ião**, toc**ão**, junt**ão**, bolt**ão**);

Substituição das terminações dos tempos de passado (conjuntivo) em -em por **-en** (exemplo: ganhass**en**, pudess**en**, foss**en**).

Formas do verbo estar = **taba, tá**.

Léxico:

E^hprimentá;

I^htrumento;

Transcrição de em por **en**;

Transcrição de ou por **ó** (antes de consoante) e **ô** (antes de vogal).

Expressões:

Sem sê = à exceção do;

Entre que = enquanto.

Relembramos que podem fazer chegar as vossas sugestões de temas; fotos e documentos; sugestões de grafia, bem como as palavras e formas ortográficas com as quais se identificam através do seguinte endereço de email:

programa.barranquenho@cm-barrancos.pt.

Devido ao tema deste número do boletim ser mais curto, aproveitamos este espaço para dar a conhecer um novo projeto, da Associação A Estêva, que terá início no mês de setembro:

Projeto Raízes

É um projeto candidatado, no âmbito do Programa Bairros Saudáveis e que conta com a parceria da Câmara Municipal de Barrancos e do Agrupamento de Escolas.

Uma iniciativa focada na promoção turística do concelho, que tem a cultura e os recursos identitários como fio condutor, com a finalidade de potenciar as sinergias culturais existentes.

É também um projeto social, na medida que pretende envolver a comunidade e mobilizar a população na divulgação da sua própria cultura e tradição, de uma forma inovadora e participada.

O projeto divide-se em 9 atividades:

1 - Construção de um filme 3D sobre a história do concelho, através de ateliers de expressão dramática, que possa ser apresentado ao turista, em Barranquenho, Português e Espanhol.

2 - Construção de maquete interativa da Vila, através de ateliers de expressão plástica, dirigidos a crianças e jovens, com indicação dos principais pontos de visita, com o qual o visitante possa interagir.

3. Oficinas de arte pública para crianças e jovens, visando a construção de esculturas representativas de atividades tradicionais locais e de personalidades do concelho.

4. Oficinas de artes e ofícios para adultos, incentivando projetos de empreendedorismo, autossustentáveis, na área das artes e ofícios tradicionais.

5. Mural representativo da história do concelho: realização de ateliers de desenho e pintura, dirigidos a crianças e jovens, com o objetivo de criar um mural que registre as datas importantes da história do concelho e esteja acessível ao visitante.

6 - Reprodução e exposição pública das canções de "Quintos", em material durável, com sinalética explicativa, para serem colocadas em locais específicos da vila, criando novos pontos turísticos.

7 - Reativar danças e cantares tradicionais, com vista a reativar tradições, como as estudantinas.

8 - Criação de uma escola de cante alentejano / um grupo de "zambombas", através de oficinas de cante, com o objetivo de promover o cante alentejano e os cantares tradicionais de Natal junto das crianças e jovens.

9 - Sessões de orientação empresarial, dirigidas aos destinatários (adultos) do projeto, com o objetivo de promover a empregabilidade e o empreendedorismo, na área dos ofícios tradicionais e esclarecer os potenciais empreendedores, sobre apoios e programas de financiamento.

Um projeto participativo, que promove o concelho!